

A *Revista de Antropofagia*, em ambas as fases, de vários modos, ridiculariza a ação e o pensamento dos companheiros modernistas que não aderem, se afastam do grupo, ou ainda, de escritores que se opõem à programática antropofaga. No primeiro caso, Mário de Andrade é alvo principal da RA. Pode-se ordenar os ataques ao escritor em três partes: à pessoa do escritor, à sua obra e à sua atuação ao Modernismo. Parece ser um comportamento normal da Vanguarda mais agressiva o massacre dos confrades necessariamente denunciados como ultrapassados. Os dadaístas declaram acadêmicos os futuristas e os cubistas (“Manifesto”, 1918), e os surrealistas atacam os dadaístas. É próprio da Vanguarda exagerar essa tendência de oposição, às vezes desencadeando violências gratuitas.

[...]

No rastreamento da fortuna crítica do movimento, foram considerados apenas os textos que abordam diretamente o assunto Antropofagia. A sistemática da seleção consistiu em: a) alinhar a crítica de autores não-vinculados ao grupo; b) reunir a teoria e a crítica construída pelos colaboradores ao pessoas diretamente ligadas ao movimento (Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Tarsila do Amaral), englobando textos da década de 20 e trabalhos mais recentes. Além de completar a bibliografia, o material coletado proporciona a sistematização da reflexão dos participantes da Antropofagia ou daqueles que viveram de perto a época. Um número muito reduzido desses textos pertence ao período mais efervescente do movimento: a maior parte, artigos ligeiros publicados em jornais, entrevistas, ou cartas a companheiros distantes. O mais, posterior aos anos 1928-1929, consiste em material inédito e em inventário dos resultados da Antropofagia.

***A vanguarda antropofágica*, Maria Eugenia Boaventura, São Paulo, Editora Ática, 1985, pp. 34, 105.**